

ENSINO DE GEOGRAFIA: ATIVIDADE SOBRE IDENTIDADE CULTURAL E TERRITÓRIO REALIZADA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Carlos Alberto da Silva Sant'Anna ¹

RESUMO

Esse trabalho investigou como o ensino de Geografia pode contribuir para a identidade cultural do aluno através das observações, conceitos e definições geográficas, territoriais e representativas da cultura. Sendo assim, o estudo foi pautado em uma aula prática que tinha como finalidade averiguar o conhecimento dos discentes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre a identidade cultural. Por isso, o objetivo geral foi analisar e refletir sobre o ensino de Geografia, assim como a identidade cultural e o território na EJA. Os objetivos específicos foram os seguintes: I) Averiguar o ensino da EJA na disciplina de Geografia; II) Conceituar e definir a identidade cultural; III) Examinar o conhecimento dos alunos sobre a temática. A metodologia foi de caráter quantitativo, fundamentado na referência bibliográfica e na pesquisa de campo. Concluiu-se que são importantes mais aulas que abordem a identidade cultural para contribuir para o processo de construção do conhecimento e de representatividade desses educandos.

Palavras-chave: Identidade Cultura, Geografia, EJA, Território.

INTRODUÇÃO

A geografia está presente na vida do indivíduo. Essa afirmação parte do pressuposto que ela (geografia) acompanhou as transformações da sociedade. Prova dessa característica são suas marcas impregnadas nas mais diversificadas conjecturas, tais como nos aspectos sociais, culturais, territoriais e assim por diante. Por isso, “[...] a constituição da Geografia como ciência pautou-se, algumas vezes, pela tentativa de definir um objeto de análise específico; outras vezes, pela definição de um método de pesquisa próprio ou pelas transformações metodológicas” (BRASIL, 2002, p. 181).

Para Araújo e Carneiro (2015, p. 1687) a geografia tem algumas dimensões junto ao espaço geográfico que são o “lugar, paisagem e território”. Essas dimensões promovem uma melhor configuração analítica e filosófica que se constrói junto à identidade cultural. Em vista disso, as transformações do espaço geográfico são pilares para o entendimento subjetivo do indivíduo do que é a identidade cultural, quer dizer, a identidade cultural ocorre com o

¹ Graduado em Geografia pela Faculdades Integradas Simonsen. Pós-graduando em MBA em gestão de pessoas pela Universidade Cândido Mendes. Pós-Graduado em Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela faculdade integrada AVM. Pós-Graduado em Gestão Escolar: Administração, Supervisão e Orientação pela Universidade Cândido Mendes, professorcarlos.st@gmail.com.

conhecimento de que as transformações territoriais incidem diretamente nas experiências sociais, motoras, corporais e intelectuais daquele determinado local contribuindo para o traquejo identitário de um determinado grupo.

Dessa maneira, a escola tem o papel de considerar o conhecimento de “mundo” dos seus alunos, ponderando sobre o seu contexto histórico e social. Nesse sentido, a representação social precisa estar nos currículos das instituições educacionais, e a disciplina Geografia pode ser incorporada as realidades sociais, envolvendo em seu planejamento os alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Então, “a valorização das representações sociais na área da educação e de ensino de Geografia significa mais uma contribuição nos métodos de pesquisa desses campos de estudo e pode ser considerado ingrediente indispensável para a melhor compreensão dessa sociedade” (TOMITA, 2011, p. 752).

Portanto, o ensino e a aprendizagem dos alunos da EJA precisam ter em sua grade a valorização dos diferentes lugares, das experiências, da comunicação e demais problematizações que dialogue com a realidade. Sendo assim, o espaço geográfico pode ser representado através da construção da identidade cultural e envolver conceitos importantes interagindo com a sociedade, pois, dessa forma, a identidade tem uma caracterização cultural e territorial. Nessa nuance, o objetivo geral desse trabalho teve como finalidade analisar e refletir sobre o ensino de geografia, a identidade cultural e o território. Os objetivos específicos tiveram a seguinte vertente: averiguar o ensino da EJA na disciplina de Geografia; conceituar e definir a identidade cultural e examinar o conhecimento dos alunos sobre a temática. A metodologia foi de caráter quantitativo, fundamentados na referência bibliográfica e complementado com a pesquisa de campo

METODOLOGIA

Esse estudo está alicerçado na metodologia de pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória tem como característica trabalhar com técnicas que possibilitem a construção e desenvolvimento do trabalho. Por ser um método mais flexível é possível adaptar informações pertinentes para a investigação. Sendo assim, a pesquisa exploratória pode ser descrita como:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTIZ et al., 1967, p. 63, apud GIL, 2002, p. 41).

Essa diligência também tem como fundamentação a pesquisa de cunho quantitativa, uma vez que usou o questionário de pesquisa aberto contendo uma única indagação. A intenção nesse processo foi reunir dados estatísticos para analisar e comparar o conhecimento dos alunos sobre o assunto que foi proposto para discussão. Posto isso, "nas pesquisas quantitativas, as categorias são freqüentemente estabelecidas apriori, o que simplifica sobremaneira o trabalho analítico" (GIL, 2002, p. 134).

A pesquisa de referência bibliográfica foi pautada em autores e pesquisadores que pesquisaram e estudaram a temática. Logo, para reunir o material foi realizada uma busca em mecanismo como Google Acadêmico, SciELO, revistas eletrônicas e as bibliotecas online das faculdades públicas e privadas, além do site do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Nessa concepção, para Gil (2002), as pesquisas bibliográficas são aqueles que permitem que o pesquisador amplie a sua gama de observação e de fenômenos. A pesquisa de campo é uma complementação das referências bibliográficas e oportuniza a verificação na prática do problema da investigação. Por isso:

O estudo de campo apresenta muitas semelhanças com o levantamento. Distingue-se, porém, em diversos aspectos. De modo geral, pode-se dizer que o levantamento tem maior alcance e o estudo de campo, maior profundidade. Em termos práticos, podem ser feitas duas distinções essenciais. Primeiramente, o levantamento procura ser representativo de universo definido e oferecer resultados caracterizados pela precisão estatística. Já o estudo de campo procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa (GIL, 2002, p. 52-53).

Por conseguinte, esse estudo foi realizado na Escola Municipal Estanislau Ribeiro do Amaral, localizada no município de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro (RJ). O estudo foi realizado em três turmas de 9º ano da escola.

DESENVOLVIMENTO

O MEC aborda que dentro do ensino de geografia vinculado a modalidade da EJA é essencial que tenha uma proposta que contemple o território para abranger um pacto social,

Por essa vertente, o Plano Nacional de Educação (PDE) tem como diretriz auxiliar a escola no desenvolvimento da prática pedagógica. Posto isto, o PDE (2006) tem como finalidade descrever, ordenar e organizar o currículo contendo o conteúdo sobre território. Assim:

O enlace entre educação e ordenação territorial é essencial na medida em que é no território que as clivagens culturais e sociais, dadas pela geografia e pela história, se estabelecem e se reproduzem. Toda discrepância de oportunidades educacionais pode ser territorialmente demarcada: centro e periferia, cidade e campo, capital e interior. Clivagens essas reproduzidas entre bairros de um mesmo município, entre municípios, entre estados e entre regiões do País. A razão de ser do PDE está precisamente na necessidade de enfrentar estruturalmente a desigualdade de oportunidades educacionais. Reduzir desigualdades sociais e regionais, na educação, exige pensá-la no plano do País. O PDE pretende responder a esse desafio através de um acoplamento entre as dimensões educacional e territorial operado pelo conceito de arranjo educativo (BRASIL, 2006, p. 5).

Dessa forma, o PDE tem como pilar o território dentro de uma circunferência que corrobora para a educação no âmbito socioeconômico territorial, isto é, o desenvolvimento social e econômico expressa a cidadania, da mesma maneira que os dados desse local subsidiam a qualidade da educação, tanto na educação básica como na superior. Logo, a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos do segundo segmento do ensino fundamental (BRASIL, 2002) tem a seguinte proposição:

[...] a discussão sobre a conquista do lugar enquanto forma de conquista da cidadania, o lugar como espaço de síntese e de relações, que interage com outros espaços, próximos ou distantes, de maneira que o aluno possa construir um discurso articulado sobre as diferenças existentes entre o lugar onde vive e a pluralidade de lugares que constituem o mundo. Valorizam o estudo das relações sociedade/natureza e as questões socioambientais que atingem o planeta em escala global, tais como desmatamento, poluição e degradação dos recursos hídricos, efeito estufa, destruição da camada de ozônio e chuva ácida, entre outros. Com relação à alfabetização e a noções cartográficas, apontam a importância da utilização do mapa como possibilidade de compreensão das diferentes paisagens e lugares, indicando que o aluno de EJA deva elaborar e construir mapas com significado ou de forma mais contextualizada (BRASIL, 2002, p. 59).

Portanto, o PDE (BRASIL, 2002, p. 181) defende que dentro de um saber geográfico é necessário contemplar os mais diversificados contextos, sejam esses “sociais, culturais, ideológicos, políticos, religiosos”. Logo, outro aporte que precisa estar presente no currículo da geografia para a EJA são os conteúdos que contemplem as questões envolvendo o aspecto social, cultural, territorial, político e natural dentro das circunstâncias. Assim, o docente precisa se desapegar dos livros didáticos e de demais elementos que não auxiliem na prática

pedagógica, quer dizer, é importante valorizar o conhecimento extra-muros escolares, o conhecimento já apropriado pelos alunos nas suas vivências cotidianas e nas relações sociais.

Na leitura geográfica da realidade em que vivem, os alunos devem ser estimulados a considerar as diferentes ações sociais e culturais, sua dinâmica social e espacial, os impactos naturais que transformam o mundo, e as marcas que identificam os diferentes lugares. Conhecimentos oriundos da experiência pessoal dos alunos, do senso comum, da produção de especialistas ou da pesquisa sobre tecnologia e ciência contribuem para essa leitura processual, que propicia a construção e a reconstrução dos conhecimentos geográficos. Cabe ao professor orientá-los nesse processo de reflexão que envolve noções e conceitos centrais da Geografia, como: lugar, região, território, escala geográfica, paisagem e mobilidade socioespacial (BRASIL, 2002, p. 183-184).

De acordo com Tomita (2011) o ensino na EJA precisa ter as representações sociais. Assim a reflexão sobre o mundo precisa estar alicerçada nas bases do letramento, ou seja, da leitura sobre o mundo. Por isso, fundamentado na concepção desse pesquisador é enfatizado a importância de considerar o discente como um todo dentro do ensino e da aprendizagem para que ocorra uma construção do conhecimento com alicerces significativos. Em vista disso, as representações sociais fazem parte do ensino de geografia e está associado com a EJA.

Para Vieira, Vieira e Knopp (2010) o território se articula com a identidade cultural. Essa proposição parte do pressuposto que a globalização está associada com a identidade do indivíduo e com a pluralidade de particularidades que circundam o sujeito em sociedade. Em outras palavras, a globalização parte de uma articulação do conhecimento junto à realidade na qual o aluno está inserido. Daí a necessidade e a importância de vincular essas características junto ao sujeito, quer dizer, como essas composições culturais estão presentes na sua história e na vivência diária.

Flores (2006) aponta que a identidade cultural é uma estrutura estável para o ensino de geografia. Por esse panorama, para esse autor o território é definido como uma construção social que repercute na identidade cultural. Posto isto, é compreensível que o espaço é um local de “[...] relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída, e associada ao espaço de ação coletiva e de apropriação, onde são criados laços de solidariedade entre esses atores” (FLORES, 2006, p. 5).

Portanto, Flores (2006, p. 5) enfatiza que “o saber-fazer local seria uma própria forma de expressão cultural local, que define a identidade, através da qual se estabelecem as relações de indivíduos e grupos”. Por esse paradoxo, a identidade cultural e o território são sinônimos das representações dos espaços responsáveis pela formação do indivíduo, uma vez que, o

território é uma condição natural das “normas sociais e valores culturais” (FLORES, 2006, p. 5).

Como consequência quando a instituição educacional tem como princípio propiciar o conhecimento para os atores locais, promovendo e desenvolvendo a identidade cultural junto com o ensino de geografia e fundamentada no território o aluno consegue construir e trocar informações substanciais no processo de ensino e de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no Censo Escolar de 2018 publicou as informações referentes à Escola Municipal Estanislau Ribeiro do Amaral. Sendo assim, a mesma fica localizada na Rua Aristotelina Mariano de Souza, no Bairro de Cerâmica, Município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro (RJ).

Em relação à infra-estrutura, a Escola Municipal Estanislau Ribeiro do Amaral, tem cerca de 16 salas de aula sendo utilizadas 14. Dentre os equipamentos há aparelhos de televisão, videocassete, DVD, máquinas copiadoras, retroprojetores, impressoras, projetores multimídias, máquinas fotográficas e computadores. Esses equipamentos podem ser classificados em estados bons e regulares, mas o mesmo promove uma dinâmica e suporte quando a aula é planejada considerando aspectos lúdicos.

Ainda descrevendo o aspecto físico dessa instituição educacional, a mesma tem uma estrutura adaptada para os alunos especiais e oferece o ensino na primeira e na segunda etapa da educação. Logo, há 24 alunos na educação infantil, 189 nos primeiros anos do ensino fundamental, 331 estudantes matriculados nos anos finais do ensino fundamental e 390 na modalidade da EJA. Dessa maneira, há um total de 934 alunos.

Embora, não haja muitas informações sobre o bairro de Cerâmica esse é conhecido por ter uma escola de samba. Portanto, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Flor de Iguaçu está situado na Rua Gama no bairro em questão. Essa escola de samba é uma referência cultural para os moradores e trabalha com temas diversificados, tais como desigualdade social. A escola não tem um website oficial, dessa forma qualquer trabalho voltado para a comunidade não pode ser enfatizado nesse trabalho acadêmico. Ainda pautados no bairro em questão, esse sempre foi permeado pela violência, mas o mesmo ficou conhecido dentro do Estado do RJ pela chacina da baixada que aconteceu no ano de 2005 e envolveu a morte de 25 pessoas por um grupo de policiais. Todo esse relato é uma referência com o intuito de compreender como

a representatividade nesse local é necessária, e as razões pelas quais o título desse trabalho pautou-se na proposta embasada na identidade cultural e no território.

Dessa forma, a maioria dos alunos que residem no município de Nova Iguaçu, mas especificadamente no bairro de Cerâmica, são cidadãos de baixa renda, com baixa mobilidade social. Por uma ótica educadora é perceptível uma necessidade de representatividade, uma vez que, não há. Nesse segmento, a aula de geografia é uma estratégia com subsídios pautada na importância dos estudos, bem como na valorização do educando e na conscientização e busca por melhores condições socioeconômicas. Em vista disso, a identidade cultural dos alunos torna-se a base do processo de ensino nas aulas de geografia.

Para Araújo e Carneiro (2015) o olhar geográfico está intrínseco sobre a identidade cultural. Em outras palavras, são as ações e atitudes junto aos processos socioculturais que são responsáveis pela organização do ensino-aprendizagem dentro de um segmento de propostas singulares. Portanto, a pluralidade de identidades é ligada a sociedade, ao convívio no corpo social e tem como característica o seu desenvolvimento através dos “[...] constantes exercícios de comunicação, persuasão e argumentação dos seus atores sociais, sobre seus modos de vida” (ARAÚJO; CARNEIRO, 2015, p. 1689).

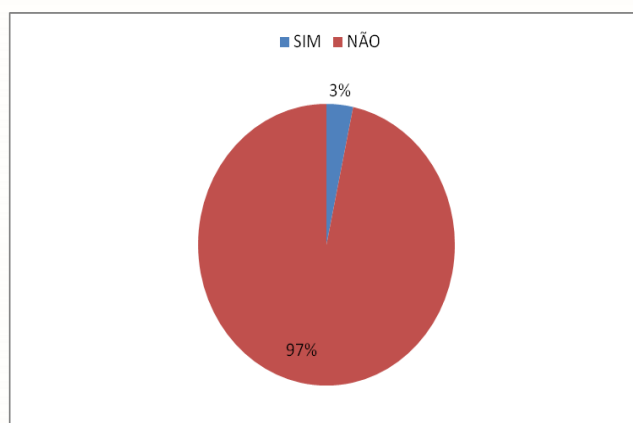
Dessa forma, essa pesquisa foi alicerçada na aula realizada com três turmas do 9º ano do ensino fundamental do segundo segmento na modalidade da EJA. Por essa perspectiva, a aula contou com recursos pedagógicos, tais como o quadro branco, aula expositiva e o uso de ferramentas como o projetor multimídia. Então, todas as atividades pedagógicas tiveram como eixo principal a seguinte pergunta: “Você sabe o que é identidade cultural?”.

Para conseguir reunir os dados necessários para ter uma melhor interpretação por meio da ótica do aluno a aula foi dividida em dois momentos. No primeiro momento foi distribuído um questionário aberto com uma única pergunta, como já esclarecido no parágrafo anterior. Por meio do questionamento do conhecimento sobre identidade cultural constatou-se que os discentes não tinham uma gama de representações no sentido dessa palavra (identidade cultural). Essa prerrogativa foi essencial para essa comprovação, visto que possibilitou a reunião de números para a representação percentual. Então, dentre as três turmas da EJA a pesquisa contou com 30 alunos que voluntariamente responderam ao questionário proposto.

De acordo com Cruz e Chiggi (2019, p. 280) identidade cultural é a “[...] dimensão humana composta pelas qualidades, crenças e idéias que fazem alguém se sentir ao mesmo tempo indivíduo e membro de um grupo particular”. Embasados nessa conjectura e nas respostas dos alunos, 97% não souberam responder a questão sobre identidade cultural ou

mesmo acentuaram que não conheciam sequer essa palavra, melhor dizer, essa realidade não faz parte do contexto desses estudantes. Por consequência, 3% dos participantes tinham um conhecimento limitado do assunto, mas sabiam o significado da palavra. O gráfico 1 demonstra essa porcentagem de maneira clara e precisa.

Gráfico 1: Primeiro momento da aula - Quantidade de alunos que sabem/ não sabem o conceito de identidade cultural



Fonte: O próprio autor

Perafán e Oliveira (2008) afirmam que as palavras território e cultura podem ter diversos conceitos. Essas definições sobre o território e a cultura são frutos das mudanças da sociedade, mas atualmente o que mais se assemelha as políticas públicas e a identidade é que os dois não podem ser separados, são grafias com significância que se completam. Sendo assim, o território está interligado a cultura porquê ambos são efeitos das relações sociais. Esse vínculo pode ser embasado na convivência que pode ou não ser permeada de conflitos, poder, política, organização, espaços e demais mobilizações. Esse parâmetro é fundamental para abranger a identidade e os direitos e deveres do indivíduo junto ao território. Destarte:

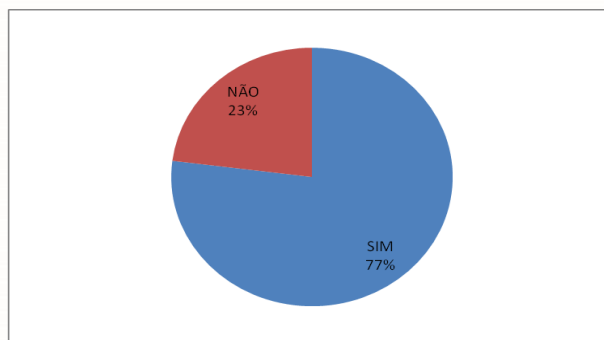
Como diz Rafael Echeverri (2009), a identidade é a “expressão de traços diferenciadores e distintivos da população pertencente a um espaço o que a converte no espírito essencial, básico e estruturante do território”. Toda identidade é influenciada por alterações históricas, geográficas, biológicas e pelas instituições, sejam estas produtivas, como o trabalho, ou reprodutivas, como a família. É por isso que as identidades devem ser identificadas em seus contextos específicos e em seu desenvolvimento ao longo do tempo e do espaço. O sentido de pertencimento a um território por parte de um grupo de atores sociais pode ser compreendido se entendemos como são estabelecidas as inter-relações entre diferentes aspectos desse território, por exemplo, os movimentos sociais nele existentes, as formas de produção e comercialização, as manifestações culturais, as migrações, os sistemas agrários e o acesso a terra, o ambiente natural e os recursos (PERAFÁN; OLIVEIRA, 2008, p. 10-11).

A interpelação da pergunta durante a aula teve como foco da premissa de trabalhar com esses alunos outros temas que condizem com a sua realidade cultural e histórica, tais como a africanidade e racismo que estão associados à identidade cultural. Logo, o intuito era que os discentes conseguissem ampliar o saber e por intermédio de outros materiais de apoio, como filmes, imagens e textos, construir em conjunto o ensino-aprendizagem. Por esse íterim, o desígnio era que o aluno identificasse que a identidade cultural é a forma como conseguimos perceber a representatividade ao nosso redor. Identidade cultural é ver no outro a semelhança que permeia a história de ambos. É encontrar nos sistemas culturais que nos cinge a nossa representação.

Sendo assim, a identidade com um território específico, seja de nascimento ou de adoção, deve ser identificada e reconhecida a partir do diálogo constante com as pessoas que moram no local, em suas interações diárias. Isto permitirá conhecer o grau de legitimidade dessas identidades, que estão bem mais próximas de formas culturalmente apreendidas, carregadas de história do que de construções técnicas (PERAFÁN; OLIVEIRA, 2008, p. 10-11).

Oliveira (2000) salienta que o professor tem como responsabilidade construir uma prática pedagógica atrelada com a identidade cultural do educando. Por esse ângulo, os recursos e instrumentos usados na sua práxis irão ressaír na aprendizagem dos estudantes, dado que essa atitude pode colaborar para a identidade cultural. Daí a importância da aula que foi planejada, pois através dela que o discente teve acesso a uma abordagem essencial para a sua cidadania exercendo e tendo consciência dos direitos e deveres, assim como a concepção de território e de identidade cultural. Prova dessa prospectiva é que o segundo momento da aula foi distribuído o questionário com a mesma pergunta. Após todas as atividades pedagógicas realizadas e objetivando uma melhor compreensão da identidade cultural os alunos demonstraram um melhor discernimento e concepção do assunto. Essa particularidade pode ser comprovada pelo gráfico 2 onde 77% dos alunos já sabiam o que era identidade cultural e como essa era representada nas suas relações sociais diárias.

Gráfico 2: Segundo momento da aula - Quantidade de alunos que sabem/ não sabem o conceito de identidade cultural



Fonte: O próprio autor

Portanto, os dois momentos são base para uma melhor comparação da aula. Por conseguinte, comprova-se que a ausência de um maior comprometimento da instituição escolar com temáticas como essa que foi apresentada, uma vez que, não há nas aulas de geografia ou mesmo de outras disciplinas com um maior comprometimento do professor com esses temas tão importantes, e que contribui de maneira enfática para a formação do discente e que o prepara para o exercício da cidadania. Então, há uma necessidade de práticas pedagógicas que englobem conteúdos em sua grade curricular como, por exemplo, a identidade cultural. Após analisar e refletir sobre o resultado do primeiro e do segundo momento é evidente que uma única aula não é a solução para esses tópicos. É necessário mais engajamentos dos educadores e das demais disciplinas para abordar didáticas que tenham em sua composição materiais com relevância para a formação do indivíduo. Contudo, é comprovado que os resultados de aulas com essa abordagem geram resultados significativos, tanto para o docente como para o discente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como desígnio analisar o saber dos alunos sobre a identidade cultural. Para isso, durante o desenvolvimento dessa investigação o foco consistiu em averiguar como o território junto com o ensino da disciplina de geografia poderia contribuir para a formação desses alunos dentro da modalidade da EJA.

Sendo assim, buscando responder as proposições destacadas no parágrafo acima, o desenvolvimento desse trabalho foi alicerçada em alguns documentos oficiais do MEC que ressaltasse a importância e finalidade do ensino de geografia na EJA. Para tal, foram usados o PDE bem como a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, dentre outros pesquisadores que discorressem sobre esse tópico.

Portanto, dentro do ensino de geografia o mesmo precisa abranger algumas asserções, tais como as questões sociais, políticas, territoriais e assim por diante. A didática do professor precisa estar pautada na realidade e experiências dos alunos. Dessa maneira, em sua prática docente ele pode usar estratégias para trabalhar com a identidade cultural através da disciplina de geografia. Obviamente, que outras temáticas têm a mesma importância, mas nesse quesito foi constatada uma defasagem na grade curricular, ou seja, os currículos na práxis não trabalham com esse conteúdo.

Desse modo, a geografia oportuniza que se trabalhem os conceitos de território, e o território fomenta a identidade cultural. Todos esses itens articulam-se entre si. Daí a importância em trabalhar esse tema na sala de aula, pois como já salientado no decorrer da aula os alunos construíram o seu saber após uma explicação e discussão com o professor e demais colegas de turma. Por fim, conclui-se que uma aula não é suficiente para que esses estudantes entendam profundamente as definições e conceitos sobre a identidade cultural, mas foi primordial para o desenvolvimento do conhecimento e para sobressair esse assunto na grade curricular e propor que as demais disciplinas coloquem esse conteúdo em seu plano de aula.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. R. F; CARNEIRO, R. N. Por um olhar geográfico sobre a identidade cultural: breves propostas conceituais através das dimensões espaciais do lugar, paisagem e território. **XI Encontro Nacional da ANPEGE**. A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação de 9 a 12 de outubro, 2015. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/6/170.pdf>>. Acesso em: 24 Jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: Introdução**, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/13534-material-da-proposta-curricular-do-2o-segmento>>. Acesso em: 21 Jul. 2019.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: Geografia**, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/13534-material-da-proposta-curricular-do-2o-segmento>>. Acesso em: 21 Jul. 2019.

_____. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: Razões, Princípios e Programas**. MEC: Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>>. Acesso em: 21 Jul. 2019.

CRUZ, C. R. da; CHIGGI, G. O território, a cultura e as identidades: implicações no ensino de geografia. **Anais do VII SEUR**. I Colóquio Internacional Sobre Educação do Campo e Ensino de Geografia. Eixo 5 – Ensino de Geografia e Práticas Pedagógicas. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/seur/>>. Acesso em: 24 Jul. 2019.

FLORES, M. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte. **Territorios con identidad cultural**. Contribuição para o Projeto Desenvolvimento Territorial Rural a partir de Serviços e Produtos com Identidade – RIMISP, mar. 2016. Disponível em: <https://static.fecam.net.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_cmo_Base_as_Estrategias_Developimento.pdf>. Acesso em: 22 Jul. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBO. Em **2005, Baixada registrou a maior chacina da História do estado**, 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/em-2005-baixada-registrou-maior-chacina-da-historia-do-estado-6044287>>. Acesso em: 24 Jul. 2019.

OLIVEIRA, L. P. de. Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 3, nº. 2, 2000, p. 49-59. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/276/242>>. Acesso em: 24 Jul. 2019.

PERAFÁN, M. E. V; OLIVEIRA, H. **Território e Identidade**. Bahia: Coleção Política e Gestões Culturais, 2008. Disponível em: <http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/territorio_e_identidade.pdf>. Acesso em: 24 Jul. 2019.

TOMITA, L. M. S. Ensino de geografia na eja e suas representações sociais. **X Congresso Nacional de Educação – Educere**. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifca Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 7-10 nov. 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4706_2418.pdf>. Acesso em: 22 Jul. 2019.

VIEIRA, M. M. F; VIEIRA, E. F; KNOPP, G. da C. Espaço global: território, cultura e identidade. **Revista Administração em Diálogo**, v. 12, nº. 2, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/3438/2426>>. Acesso em: 22 Jul. 2019.